

# Ferramentas de Diálogo



*Qualificando o uso das Técnicas de DRP  
Diagnóstico Rural Participativo*

Andréa Alice da Cunha Faria  
Paulo Sérgio Ferreira Neto



**IEB**  
INSTITUTO INTERNACIONAL  
DE EDUCAÇÃO DO BRASIL



# Ferramentas de Diálogo

Qualificando o uso das Técnicas de DRP  
Diagnóstico Rural Participativo

# Créditos

## **Presidente da República**

Luiz Inácio Lula da Silva

## **Vice-presidente**

José Alencar Gomes da Silva

## **Ministra do Meio Ambiente**

Marina Silva

## **Secretária de Coordenação da Amazônia**

Muriel Saragoussi

## **Secretário de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável**

Gilney Viana

## **Secretário Técnico do Departamento de Agroextrativismo e Desenvolvimento Sustentável**

Jorg Zimmermann

## **Coordenadora do Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais**

Nazaré Soares

## **Subprograma Projetos Demonstrativos – PDA**

**Secretário Técnico:** Jorg Zimmermann

**Secretária Técnica Adjunta:**

Anna Cecília Cortines

**Equipe:** Cláudia Alves, Demóstenes Moraes, Eduardo Ganzer, Elmar Castro, Francisca Kalidaza Isis Lustosa, Klinton Senra, Mariza Gontijo, Mauricio Muniz, Neide Castro, Nilson Nogueira, Odair Scatolini, Rafaela Silva de Carvalho, Rodrigo Noleto, Silvana Bastos Yandra Fontes Bastos e Zará Brum.

## **Cooperação técnica e financeira**

Deutsche Gesellschaft for Technische Zusammenarbeit - (GTZ) GmbH; República Federal da Alemanha - KfW; Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD. Projeto BRA/03/009

## **Instituto Internacional de Educação do Brasil – IEB**

### **Diretora Executiva**

Maria José Gontijo

### **Corpo Técnico**

Ailton Dias e Lidiane Melo - Programa Padis  
Camila de Castro e Márcia Côrtes - Programa de Cursos  
Henyo T. Barretto Filho e Janilda Cavalcante - Programa Beca  
Gordon Armstrong - Consórcio Alfa  
Manuel Amaral e Katiuscia Fernandes - Programa de Manejo Florestal Comunitário  
Alessandra Arantes e Íris da Rocha - Comunicação

### **Editores**

Instituto Internacional de Educação do Brasil – IEB

Ministério do Meio Ambiente - MMA  
Subprograma Projetos Demonstrativos - PDA

### **Projeto Gráfico e Diagramação**

Raruti Comunicação e Design

### **Fotos**

IEB; MMA/PDA; ProManejo Flona Tapajós; Andréa Alice da Cunha Faria e APA-TO (Alternativas para a Pequena Agricultura no Tocantins).

### Catálogo na Fonte

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

#### **F224f Faria, Andréa Alice da Cunha.**

Ferramentas do diálogo – qualificando o uso das técnicas do DRP: diagnóstico rural participativo / Andréa Alice da Cunha Faria e Paulo Sérgio Ferreira Neto. – Brasília: MMA; IEB, 2006.  
76 p. : il. color ; 23 cm.

Bibliografia  
ISBN 85-7738-052-1

I. Comunidade. 2. Agricultura sustentável. 3. Método DRP. I. Ferreira Neto, Paulo Sérgio. II. Ministério do Meio Ambiente. III. Secretaria de Desenvolvimento Sustentável – SDS. III. Subprograma Projetos Demonstrativos – PDA. IV. Instituto Internacional de Educação do Brasil. V. Título.

CDU(2.ed.)631:502

# Índice

- 5 Os editores**
  - IEB**
  - MMA**
- 9 O guia**
- 15 Um pouco sobre o DRP**
- 23 Mapa Falado**
- 33 Calendário Sazonal**
- 41 Diagrama de Fluxo**
- 51 Diagrama de Venn**
- 61 Matriz Comparativa**
- 71 De volta ao começo**

Os Editores

## Instituto Internacional de Educação do Brasil - IEB

**O** Instituto Internacional de Educação do Brasil - IEB - é uma associação civil brasileira sem fins lucrativos, cuja missão é capacitar, incentivar a formação, disseminar conhecimentos e fortalecer a articulação de atores sociais para o desenvolvimento sustentável. O IEB atua por meio da capacitação técnica e profissional na área socioambiental, do incentivo à qualificação para a conservação da biodiversidade e do desenvolvimento sustentável, da gestão de recursos e projetos, e da disseminação de conhecimentos.

Desde 2001, o IEB vem implementando o “Programa de Apoio ao Desenvolvimento Institucional e Sustentável – PADIS” - com o objetivo de apoiar iniciativas, articulações e parcerias locais voltadas para o enfrentamento de problemas socioambientais. Já no início, as ferramentas de Diagnóstico Rural Participativo se mostraram importantes instrumentos para a construção e fortalecimento das iniciativas apoiadas.

Os autores deste guia participaram ativamente deste processo, tanto como consultores quanto como membros do colegiado responsável pelo planejamento e pelas estratégias adotadas no programa. Sua intenção ao elaborar este guia foi de fornecer aos leitores um material de caráter instrumental voltado a apoiar o trabalho de técnicos, lideranças comunitárias e outros agentes que atuam com ênfase em processos participativos de âmbito local.

O guia complementa outra importante publicação do IEB sobre o mesmo tema, o livro “Metodologias Participativas: Caminhos para o Fortalecimento de Espaços Públicos Socioambientais”, recém lançado pelo instituto. Com estas duas publicações, o IEB pretende compartilhar importantes aprendizados obtidos pelo PADIS quanto ao uso de métodos e processos participativos em diferentes contextos e realidades do Brasil.

Boa leitura e bom trabalho!

**Ailton Dias**  
Coordenador do Programa Padis

Os Editores

## Ministério do Meio Ambiente Projetos Demonstrativos - PDA

**O** Subprograma Projetos Demonstrativos – PDA - é implementado pelo Ministério do Meio Ambiente desde 1995, como parte do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais. Tem como principais desafios demonstrar por meio de experiências inovadoras e de cunho socioambiental a possibilidade efetiva de construção de estratégias de desenvolvimento sustentável. Além disso, a partir dos conhecimentos gerados nessas experiências, almeja-se influenciar a formulação de políticas públicas que contribuam para a disseminação e incorporação dessas estratégias por outras comunidades, organizações e instituições governamentais.

Desde 2003, o PDA concebe um novo sistema de monitoria e avaliação, cuja implementação teve início em 2005 junto aos novos projetos apoiados na Amazônia e Mata Atlântica. Consideramos a monitoria um instrumento de reflexão para os projetos sobre a caminhada de suas experiências. Essa reflexão deve acontecer de forma partilhada com os atores envolvidos no processo, identificando acertos e erros, e revendo alguns passos de modo a corrigir os rumos necessários.

Os autores deste guia colaboraram na fase de concepção do Sistema de Monitoria e Avaliação do PDA, especialmente na inclusão das ferramentas do DRP como instrumento de apoio para possibilitar um maior envolvimento do público e parceiros com os objetivos e metas dos projetos. Essa inclusão se deu por meio de um processo de capacitação vivencial da equipe do PDA e dos projetos apoiados.

Para o PDA, este guia significa um apoio relevante na apropriação de mecanismos que favorecem a participação social e o fortalecimento das organizações não governamentais, movimentos sociais, órgãos públicos e outros atores envolvidos com ações socioambientais.

**Jorg Zimmermann**  
Secretário Técnico do PDA



# O Guia

**A** opção pelo título deste material obriga-nos, antes de prosseguir, a tecer algumas considerações sobre a palavra “diálogo”, que por definição significa “a troca ou discussão de idéias, opiniões e conceitos com vistas à solução de problemas e à busca de entendimento entre as pessoas” (Dicionário Aurélio Século XXI). A palavra encontra-se bastante propagada, especialmente em uma época na qual os discursos valorizam as formas de entendimento entre povos, governos, classes sociais, gêneros e gerações.

A percepção de que os processos de diálogo podem contribuir para a construção de relações sociais mais harmônicas traz implícita a compreensão de que este é também o caminho da formação de cidadãos e cidadãs mais participativos, mais reflexivos e, portanto, mais ativos diante da realidade. Isso porque não há diálogos sem sujeitos, sem aqueles que se expõem e se dispõem às trocas, que se expressam e se abrem às idéias e aos conceitos de um outro alguém, na busca por novos entendimentos. A própria definição da palavra deixa transparecer o seu aspecto “ativo” pois, se o diálogo visa a solução de problemas e o entendimento entre pessoas, por si só, ele pressupõe um movimento de mudança no pensamento daqueles que participam do processo dialógico.

O assunto nos remete de imediato às idéias de um educador brasileiro de renome internacional, o pernambucano Paulo Freire, falecido em maio de 1997. Freire é mais conhecido, em particular no Brasil, por ter criado um método de alfabetização altamente eficaz, fundamentado em uma concepção de educação “dialógica”, em oposição ao que ele chamou de educação “bancária”, ou seja, aquela que busca depositar conhecimentos sobre um ser supostamente desprovido dele.

Mas Freire fez muito mais do que influenciar o universo pedagógico academicamente voltado para o pensar a educação. No ano de 1976, ele lança o livro “Extensão ou Comunicação?”, voltado especialmente aos profissionais das Ciências Agrárias, no qual alerta que o trabalho desses profissionais não se esgota no domínio da técnica, “pois esta não existe sem os homens e estes não existem fora da história, fora da realidade que devem transformar” (FREIRE, 1983:49).

O livro é extremamente rico e contribuiu decisivamente para a interação entre o pensamento de Paulo Freire e os profissionais que, a exemplo dos autores desta publicação, atuam na assessoria a grupos populares e iniciativas sócio-educativas advindas dos movimentos sociais. Muitas dessas práticas fundamentavam-se justamente nas idéias e concepções da Educação Popular, da Pesquisa Participante, da Pesquisa-ação, do Planejamento Participativo, entre outras.

Esta interação entre abordagens das ciências sociais e das ciências agrárias contribuiu para o desenvolvimento de diversas iniciativas inovadoras e coincidiu com o crescimento da atuação das Organizações Não-Governamentais (ONGs) no campo do Desenvolvimento Local Sustentável.

Em relação às atividades de pesquisa propriamente ditas, tal interação ocorre em um momento em que se buscam concepções e métodos de

pesquisa agrícola de enfoque integrado, holístico e sistêmico. Isso colabora de forma decisiva para o desenvolvimento do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) e suas ferramentas de diálogo, objeto deste guia.

Nas últimas décadas, o DRP vem despertando grande interesse em diversos





segmentos da sociedade, como Organizações Não-Governamentais (ONGs), universidades e instituições de pesquisa. No entanto, as pessoas que se dedicam a difundir a metodologia em cursos e momentos de capacitação vivenciam-se da falta de um material prático, que contenha não apenas descrições, mas também, referências concretas sobre possibilidades e dificuldades vivenciadas na aplicação das ferramentas. É justamente a este propósito que estamos nos dispondo, a partir de uma reflexão crítica de nossa própria prática.

Devido a sua grande flexibilidade e capacidade adaptativa, tais ferramentas são utilizadas, atualmente, em diversos processos de reflexão coletiva, seja rural, urbano, regional ou institucional. As possibilidades são inúmeras. A palavra “rural” da sigla DRP é muito mais, uma referência a sua origem, pois muitos dos diagramas que aqui serão apresentados foram originalmente desenvolvidos no âmbito das ciências agrárias, mais especificamente na Universidade de Chiang Mai, no norte da Tailândia, na segunda metade da década de 70.

Naquele momento, um grupo de pesquisadores envolvidos na Pesquisa de Sistemas Agrícolas percebeu a necessidade de trabalhar, para além da abordagem multidisciplinar, com conceitos organizativos e procedimentos de trabalho relativamente formais que fossem capazes de captar a grande complexidade dos agroecossistemas. Este grupo dedicou-se, então, a elaborar um modelo semi-estruturado de pesquisa, fundamentado na construção participativa de diagramas que se constituem representações simbólicas da realidade vivida. Com isso, pretendia-se melhorar o sistema de comunicação entre técnicos, pesquisadores e agricultores. Os diagramas foram idealizados de forma a representar quatro



dimensões da realidade: espaço, tempo, fluxos e relações (CONWAY, 1993).

Nesta publicação, procuramos resgatar o papel destes diagramas como “ferramentas de diálogo” que favorecem a interpretação coletiva da realidade em suas várias dimensões.

No Brasil, tais ferramentas foram difundidas principalmente por meio de diversas ONGs, especialmente aquelas ligadas à Rede PTA (Projeto Tecnologias Alternativas) que a partir do final dos anos 80, começaram a usar a metodologia do DRP em seus trabalhos. O intercâmbio, com pesquisadores do IIED (International Institute for Environment and Development), sediado em Londres-UK, foi fundamental para que tal processo ocorresse.

O DRP, assim como o Diagnóstico Rural Rápido (DRR), o Diagnóstico e Desenho (D&D) e o Sondeio (do espanhol, sondeo) é parte de uma abordagem conhecida como Diagnósticos Rápidos de Sistemas Rurais (DRSR), contemporânea da Pesquisa de Sistemas Agrícolas. Em sua especificidade, o **DRP é definido como “uma família crescente de enfoques e métodos dirigidos a permitir que a população local compartilhe, aumente e analise seus conhecimentos sobre a realidade, com o objetivo de planejar ações e atuar nesta realidade”** (CHAMBERS, 1994: 953). Tem, portanto, forte relação com o planejamento e o envolvimento da população local, não apenas como informantes, mas especialmente como cidadãos ativos, agentes de ações coletivas, fomentadas por meio do diálogo e da reflexão.

Pelo exposto até aqui, o DRP também poderia ser lido como:

**D - Diálogo**  
**R - Reflexão**  
**P - Planejamento**

Por mais apaixonante que seja o assunto, este guia não pretende realizar uma discussão aprofundada a respeito do DRP. Ele limita-se a apresentar e discutir as suas principais ferramentas com a finalidade de subsidiar a ação de mediadores e mediadoras que desejem promover um diálogo coletivo, franco e produtivo.

Processos participativos de diagnóstico, planejamento e/ou monitoramento necessitam, além de ferramentas adequadas, de uma consistente reflexão sobre sua concepção metodológica, a fim de apoiar a definição de objetivos, a abrangência física e temática, os sujeitos envolvidos, bem como a construção de uma estratégia eficiente de promoção da participação.

A natureza deste material não nos permite aprofundar tal discussão, mas obriga-nos a pontuar o enorme desafio inerente à construção de procedimentos e posturas capazes de promover uma participação efetiva e construtiva.

Aqui, partimos da hipótese de que após a construção de uma estratégia metodológica coerente com os objetivos, a mediação necessite manejar com habilidade ferramentas úteis, capazes de favorecer a reflexão coletiva. É neste aspecto que o material irá se concentrar: na instrumentalização para o uso de ferramentas de diálogo, compartilhando com os leitores e leitoras, um pouco de nossa experiência prática.



**Os Autores**





Um pouco  
sobre o DRP



# Um pouco sobre o DRP

**A**s ferramentas utilizadas no DRP são diagramas visuais e interativos que representam aspectos de uma determinada realidade e vão sendo construídos por um grupo de pessoas em discussão. Cada ferramenta tem usos e procedimentos específicos, mas todas elas são instrumentos de abstração acerca da realidade passada, atual ou futura.

## Possibilidades de uso

- ▶ Levantamento e/ou análise de informações.
- ▶ Mediação de diálogos.
- ▶ Planejamento e/ou monitoramento de ações.

## Motivações para a sua utilização

- ▶ Trabalhar com uma linguagem comum ao grupo de discussão.
- ▶ Permitir a participação de alfabetizados ou não, num mesmo grupo.
- ▶ Facilitar o diálogo entre os participantes e destes com a equipe de pesquisadores.
- ▶ Despertar a discussão sobre problemas e potencialidades da realidade em questão.
- ▶ Permitir o levantamento e a análise do conhecimento coletivo.
- ▶ Trabalhar com as percepções das pessoas que residem no local.
- ▶ Facilitar a verificação de informações obtidas no processo de diagnóstico.

## Recomendações gerais para o uso das ferramentas

- ▶ Assegurar bom nível de participação, considerando a diversidade social existente, a fim de garantir a presença de diferentes visões e atores (jovens, idosos, homens, mulheres, grupos formais, informais, públicos, privados etc.).
- ▶ Explicar o objetivo do trabalho e como será feito o exercício.
- ▶ Manter postura investigativa e problematizadora, buscando clarear e aprofundar as informações e o debate.
- ▶ Zelar para que o diagrama mantenha-se compreensível para as pessoas durante as discussões do grupo. A utilização de elementos móveis, ao invés de riscos sobre um papel, favorece que o desenho vá sendo construído e corrigido, sem dificuldades.
- ▶ Fazer sempre perguntas abertas, ou seja, que permitam qualquer resposta e não determinem opções para quem está respondendo.
- ▶ Evitar perguntas indutivas, isto é, que conduzam as pessoas para uma determinada resposta.



▶ Atentar para a ordem ou seqüência na qual as pessoas vão inserindo elementos no diagrama e/ou nas discussões.

▶ Ter pelo menos dois relatores, a fim de garantir um bom registro do debate feito pelo grupo.



▶ Na construção dos diagramas, procurar utilizar materiais disponíveis no local.

▶ Em caso de opiniões conflitantes, registrar, investigar, sem buscar uma definição absoluta.

▶ Evitar fazer correções no diagrama, mantendo-o fiel à elaboração do grupo.

▶ Manter postura discreta e observadora de forma a facilitar a livre expressão das pessoas do grupo.

▶ Registrar o resultado final, ou seja, o diagrama na forma como ele foi finalizado pelo grupo.

▶ Falar menos. Escutar mais.

▶ Fotografar o processo de construção do diagrama e o produto final.

## Principais Ferramentas

▶ Mapa Falado

▶ Calendário Sazonal

▶ Diagrama de Fluxo

▶ Diagrama de Venn

▶ Matriz Comparativa

## Dimensões abordadas com o uso das ferramentas

As ferramentas de DRP são capazes de captar e representar a complexidade da realidade em torno de quatro padrões básicos: espaço, tempo, fluxos e relações.

### ▶ A dimensão espacial

O Mapa Falado é a ferramenta privilegiada para abordar esta dimensão. Durante sua confecção, está em debate tudo aquilo que tem representação no espaço como rios, matas, casas, escolas, fábricas, entre outros.



### ▶ A dimensão temporal

Em um Calendário Sazonal ou em uma Matriz Histórica, o que move a discussão é o tempo, os fatos ocorridos, os ciclos históricos, as diferenças sazonais

que marcam determinados aspectos da realidade, como chuvas, doenças, variações da população, disponibilidade de recursos financeiros ou naturais, entre outros.









# Mapa Falado

## *Características marcantes*

---

- ▶ Possibilita uma visão espacial do local
- ▶ Auxilia na obtenção de informações exploratórias
- ▶ Permite obter uma visão geral da realidade

# Mapa Falado



# Descrição

**T**rata-se de um desenho representativo do espaço ou território que está sendo objeto de reflexão. Pode ser um bairro, uma comunidade, um município, um país, uma universidade, entre outros.

É uma ferramenta que permite discutir diversos aspectos da realidade de forma ampla, sendo muito utilizada como técnica exploratória, no início de um diagnóstico.

Normalmente, é desenhado no chão, num pátio amplo ou mesmo em um terreiro de barro.

Os elementos que formarão o mapa são representações dos componentes daquele espaço em análise e que são destacados pelo grupo na discussão. Pode ser uma escola, um rio, uma caixa d'água, uma estrada, entre outros.

As discussões acontecem por ocasião da localização do que existe naquele lugar.

Assim como todas as outras ferramentas que serão aqui apresentadas, o mapa é construído com elementos móveis disponíveis no local e/ou disponibilizados pela moderação.

*"o mapa é construído com elementos móveis disponíveis no local e/ou disponibilizados pela moderação."*

Barbante, folhas, pedras, fitas coloridas são alguns dos recursos utilizados para representar os componentes da realidade. Essa mobilidade permite que as modificações possam ser feitas a qualquer momento, sem prejudicar a visualização do diagrama por parte do grupo.



# O Processo de Construção

A construção do mapa falado requer um espaço amplo, sendo melhor conduzido ao ar livre, como por exemplo à sombra de uma árvore.



Uma vez escolhido o local adequado, reúne-se todo o grupo ao redor desse espaço. Após apresentações, descontrações e explicações, inicia-se o exercício pedindo que alguém do grupo desenhe o lugar que está sendo estudado, de forma que ele “caiba” naquele espaço.

Às vezes, as pessoas não têm muita intimidade com mapas e, para facilitar, pode-se propor a imaginação do que é visto por um pássaro da região.

É interessante deixar a pessoa começar por onde ela quiser. Isso é importante para não atrapalhar a sua lógica e o seu raciocínio. Mais relevante será manter a atenção de todos naquele que se dispôs a começar o desenho.



À medida que os componentes da realidade vão sendo lembrados, procura-se representá-los utilizando materiais disponíveis no local: folhas, flores, pedras, sementes, barbante, giz colorido, entre outros.

A cada novo componente representado, deve-se “explorar” o conhecimento do grupo a respeito. Por exemplo, quando se tratar da representação de um rio, deve-se questionar - a todos - sobre o seu uso, a qualidade da água e outras questões relacionadas.

As informações expressadas verbalmente são muito importantes, mais do que o produto final, e por isso é fundamental que sejam bem registradas.

**O diagrama em si (mapa falado) é o mediador da discussão e, portanto, deve ser mantido “limpo”, de forma compreensível aos participantes. Ele é um recurso importante para manter a atenção das pessoas em torno das discussões.**

Ao final, é interessante convidar o grupo a olhar de longe para o desenho e perguntar: “o que podemos ver?”. É importante também reproduzir o diagrama em papel, e isso deve ser feito, de preferência, pelos participantes. Esse registro poderá servir para utilização posterior, em uma restituição ou como memória, e para a própria sistematização das informações coletadas.

## Perguntas-Chave



- ▶ **O que existe aqui?**
- ▶ **O que (mais) podemos ver (comparando com a visão de um pássaro)?**
- ▶ **Como? Quando? Onde? Pra quê? Por quê? Quanto (s)?**
- ▶ **Sempre foi assim (evolução histórica)?**

# Possibilidades

▶ **Evolução Histórica:** através da pergunta “sempre foi assim?”, pode-se captar informações sobre o passado e sua evolução a partir da descrição de determinado aspecto ou do mapa como um todo.

▶ **Identificação de cenários futuros:** por meio da pergunta “como estará este desenho daqui a ‘X’ anos?” pode-se perceber tendências e por meio da pergunta “como queremos que este desenho esteja daqui a ‘X’ anos?” pode-se identificar sonhos e projetos, individuais e coletivos.

▶ **Percepção de bem-estar:** de forma indireta, pode-se captar como o grupo percebe, por exemplo, as “pessoas de sucesso” daquela determinada sociedade. Dependendo da escala do mapa, ao se localizar a casa de uma pessoa, podem surgir comentários sobre sua condição de vida ou sobre sua inserção social.

▶ **Identificação de valores:** a ordem como os aspectos da realidade vão sendo discutidos pelo grupo pode ser também indicativo dos valores que as pessoas atribuem a eles.

▶ **Identificação de infra-estrutura:** é possível, de forma rápida e eficiente, identificar a infra-estrutura existente no local estudado (exemplo: escolas, estradas, postos de saúde e outros), bem como, colocar em discussão a qualidade dos serviços prestados.

▶ **Estratificação de ambientes:** o mapa falado permite a identificação de ambientes distintos dentro de um mesmo espaço geográfico como, por exemplo, regiões mais secas e mais úmidas de um município.





## Variações

▶ **A** primeira variação refere-se à escala do mapa (desde uma comunidade ou bairro até o mundo). É claro que isso vai influenciar o nível de detalhe das informações e discussões e do próprio desenho. No caso de representar uma comunidade, pode-se ter o detalhamento até ao nível das casas ou dos roçados de cada um. Quando se tratar de um município, o mapa deve ser mais geral e o debate deve se concentrar na leitura por regiões, quando podem ser discutidas as características, as tendências, as diferenças, as semelhanças etc.



▶ **O**tra variação refere-se à forma de construção do mapa. Em alguns casos, o exercício começa de dentro para fora; em outros, desenha-se logo os limites do território. Isso depende de quem começa o desenho e, como já foi dito, não deve ser objeto de intervenção/orientação. É possível, por diferentes caminhos, chegar ao mesmo lugar.





## Problemas mais comuns



▶ Começar com uma escala muito grande e faltar espaço. É preciso atenção a isso e definir, logo de início, o **espaço disponível** para o desenho como um todo.

▶ **Alteração muito grande na escala** durante o exercício. Sempre que necessário, deve-se fazer referência à escala que foi dada àquilo que já está desenhado/representado.

▶ A pessoa que iniciou o desenho pode tender a **conduzir sozinha** o exercício e o restante do grupo ficar disperso, sem participar. Deve-se sempre “puxar” a opinião dos outros, perguntando se concordam com o que está sendo feito, se é aquilo mesmo.

▶ Pode ocorrer também um outro tipo de dispersão, fruto da vontade de **completar rapidamente o mapa**, ou do tamanho muito grande do grupo, ou mesmo pelo fato de o grupo reunir um bom número de pessoas bem participativas e com muita informação. Nestas situações, podem se formar pequenos grupos, sendo que cada um vai “completando uma parte do mapa”. É possível deixar o grupo à vontade, por um período. Entretanto, logo que possível, isso deve ser corrigido, chamando todos a um mesmo ponto da discussão. Para isso, pode-se recorrer aleatoriamente a um dos elementos já representados, de forma a retomar o debate, já que o maior objetivo não é completar o mapa, e sim propiciar a discussão sobre cada componente da realidade.

▶ Sempre que possível não deixe que sejam colocados no mapa **muitos elementos ao mesmo tempo**.





...“o maior objetivo  
não é completar o  
mapa, e sim  
propiciar a  
discussão sobre  
cada componente  
da realidade.”

JAN

Chuva

soja

milho

feijão

férias

obras

TOLIA DE FUS



# Calendário Sazonal

## Características marcantes

---

- ▶ Permite uma visão temporal dos acontecimentos/aspectos
- ▶ Evidencia ciclos naturais e sociais
- ▶ Correlaciona diferentes informações a respeito de um mesmo período

# Calendário Sazonal



# Descrição

**T**rata-se de uma tabela na qual um dos eixos é sempre o tempo, dividido em meses ou dias.

Geralmente é riscada no chão e nela vão sendo inseridos elementos simbólicos, conforme o desenrolar da discussão.

Os aspectos que irão compor o outro eixo da tabela estão em função do conhecimento do grupo e também do interesse da investigação.

O importante é que sejam aspectos que tenham variação significativa naquele período em questão. Podem ser variações climáticas, etapas dos cultivos, ocupação de mão-de-obra, festas, ocorrência de doenças, disponibilidade financeira, atividades da família, entre outros.

Os elementos móveis que irão compor a tabela são representativos das informações discutidas, muitas



vezes, de forma comparativa.

Esta é uma ferramenta que permite ampliar o espaço de tempo investigado para além do momento da reunião do grupo.

*"Os elementos móveis que irão compor a tabela são representativos das informações discutidas, muitas vezes, de forma comparativa."*

# O Processo de Construção

**A** técnica do calendário pode ser bem conduzida praticamente em qualquer lugar, ao ar livre ou em ambientes fechados.

Após apresentações, descontrações e explicações, inicia-se o exercício pedindo que alguém risque no chão o período de tempo que será analisado (isso deve ser previamente definido com o grupo).

Deve-se deixar o grupo à vontade para construir o calendário. Não é relevante que comece sempre por janeiro.

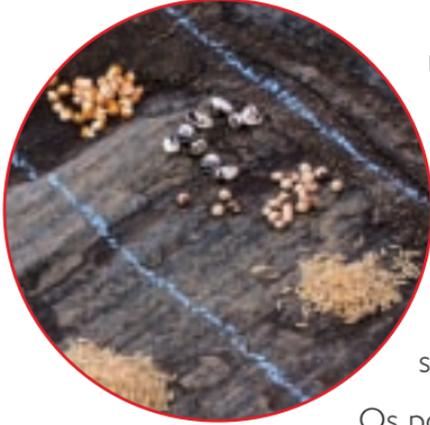
O eixo do tempo será o horizontal (por exemplo) da tabela. O eixo vertical será construído pelos aspectos de interesse da pesquisa e do grupo. É importante que os aspectos a serem discutidos apresentem variação no período de tempo em questão.

A cada aspecto mencionado, por exemplo, “chuva”, forma-se uma linha da tabela. Para “preencher a

linha”, pergunta-se qual o período de maior ocorrência e em seguida, o de menor ocorrência, a fim de estabelecer um parâmetro de comparação para o preenchimento das demais interseções.

*“Deve-se deixar o grupo à vontade para construir o calendário. Não é relevante que comece sempre por janeiro”.*





Usando uma escala de zero a cinco, por exemplo, atribui-se 5 pontos para o mês mais chuvoso, e define-se proporcionalmente quanto deve ser atribuído ao mês menos chuvoso. E assim sucessivamente.

Os pontos podem ser representados por algum elemento móvel, como pedras ou sementes.

A cada linha construída, ou seja, a cada aspecto discutido, deve-se explorar as informações desejadas com perguntas do tipo: “como, quando, onde, pra quê, por quê, quanto(s) etc.” Também é importante deixar o grupo propor novas linhas (aspectos) e, para isso, pode-se perguntar: “o que mais acontece por aqui”?

Ao final, é interessante convidar o grupo a fazer leituras no sentido “vertical”, ou seja, correlacionando diferentes informações sobre um mesmo momento ou período.

### Lembre-se:



- ▶ **que as informações verbais precisam ser bem exploradas e anotadas.**
- ▶ **de manter o desenho “legível” para os componentes do grupo.**
- ▶ **de copiar o desenho em papel.**

# Possibilidades

## ▶ **Calendário Histórico:**

a partir da pergunta “sempre foi assim?”

## ▶ **Visão quantitativa:**

noção de intensidade e obtenção de dados quantitativos de alguns aspectos analisados.

## ▶ **Correlacionar diferentes informações de um mesmo período:**

fazer a relação entre diferentes aspectos analisados (exemplo: chuva e época de plantio), considerando um mesmo período.





## Variações

### ▶ Rotina Diária:

quando o período de tempo investigado é de um dia. Neste caso, costuma-se apenas riscar uma linha onde vão sendo colocados os horários e as atividades desenvolvidas. Pode ser feito separadamente, com homens e mulheres, para comparar os diferentes regimes de trabalho.

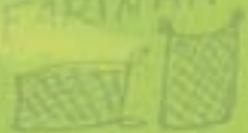


## Problemas mais comuns

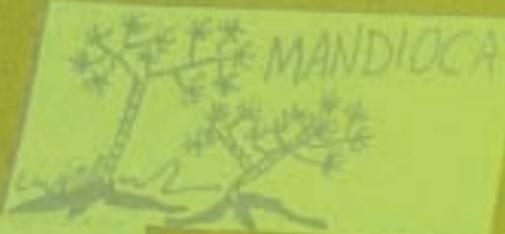
▶ O Calendário Sazonal é uma técnica relativamente simples de ser realizada. Os problemas decorrem mais da **falta de informações**, por tratar-se de um exercício que requer um **esforço da memória**.



FARINHA



PIMENTA DO REINO



MANDIOCA

DOCA



VERDURA

FEIRA

CONSUMIDOR





# Diagrama de Fluxo

## Características marcantes

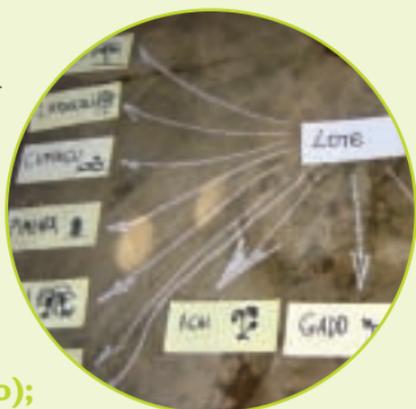
- ▶ Possibilita identificar inter-relações de diversos tipos
- ▶ É possível aprofundar temas e determinados aspectos da realidade
- ▶ Pode ser utilizado para análise de informações

# Diagrama de Fluxo



# Descrição

**T**rata-se de um conjunto de tarjetas (retângulos de cartolina) dispostas como um fluxo que pode ter duas lógicas de representação:



- ▶ **caminhos (no sentido físico);**
- ▶ **causas-conseqüências.**

As tarjetas representarão, em palavras e/ou desenhos, os “componentes” do fluxo e setas serão utilizadas para indicar o seu “sentido”.

Poderão ser utilizadas tarjetas de diversas cores para ajudar na representação e setas de diferentes proporções para dar noção da “intensidade” da relação.

A técnica pode ser conduzida no chão ou em

quadros, painéis ou paredes.

Nestes casos, utiliza-se alfinetes ou fita adesiva para fixar as tarjetas e as setas, para que não se perca a mobilidade dos elementos.

*“As tarjetas representarão, em palavras e/ou desenhos, os “componentes” do fluxo e setas serão utilizadas para indicar o seu “sentido”.*”

# O Processo de Construção

**P**ara facilitar a compreensão, as duas lógicas de representação (caminhos e causas-conseqüências) serão descritas em separado:

## ▶ Diagrama de fluxo de caminhos.

A técnica de utilizar o diagrama de fluxo como uma representação de caminhos consiste em adotá-lo como um exercício de reflexão sobre o que entra e o que sai de um(a): local, sistema, instituição, organização, entre outros.

O primeiro passo é representar o foco primário do debate (exemplo: um município, uma mata, um roçado, uma ONG, um movimento), seja pelo seu nome ou um desenho em uma tarjeta, ou qualquer representação significativa para o grupo.

**A** cada elemento incorporado, realiza-se o processo de investigação desejado: “como, quando, onde, pra quê, por quê, quanto(s) etc”. É possível, inclusive, mensurar algumas informações de forma numérica ou comparativa. Por exemplo, quanto de adubo entra no cultivo da soja ou quantos jovens

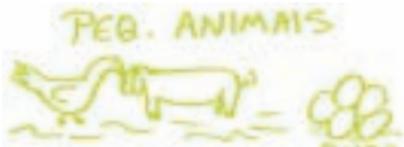
têm deixado o município.

## Perguntas-Chave



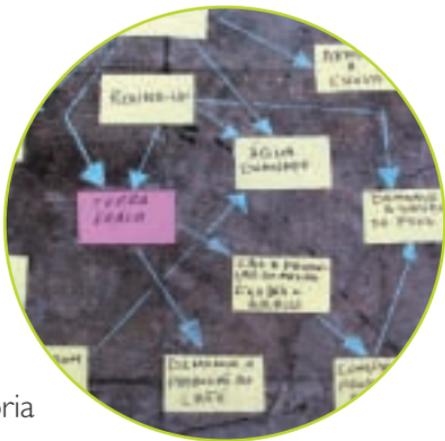
- ▶ **O que entra?  
de onde vem?**
- ▶ **O que sai?  
para onde vai?**

De acordo com o debate, as perguntas-chave vão sendo feitas também para os focos secundários que vão surgindo no decorrer da realização da técnica.



▶ **Diagrama de fluxo de causa-conseqüência.**

Enquanto técnica de análise, o foco primário do diagrama de fluxo não é um espaço físico ou institucional, e sim um fato, um fenômeno ou, na maioria das vezes, um problema.



Da mesma forma, o primeiro passo é representar o foco primário (como exemplo: queda na produção agrícola, águas poluídas, baixa representatividade, pouca participação etc.) e situá-lo no centro (do chão/parede/quadro).

**C**ada resposta deve ser devidamente investigada e representada em uma nova tarjeta. As causas são posicionadas acima do problema e as conseqüências, abaixo.

Conforme a discussão vai prosseguindo, pode-se levar o foco dos debates (e das perguntas-chave) para outras tarjetas que vão compondo o diagrama, explorando-se ao máximo a reflexão sobre a problemática em toda a sua complexidade.

O diagrama de fluxo causa-conseqüência é bastante utilizado na análise dos dados coletados em um diagnóstico.

**Perguntas-Chave** ?

- ▶ **O que está causando aquela situação?**
- ▶ **O que aquela situação está provocando?**

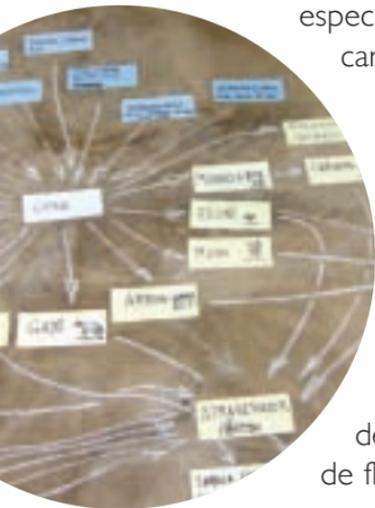
# Possibilidades

▶ **Identificação de necessidades, entraves e/ou pontos obscuros:** em casos de utilização do diagrama de fluxo para análise, ficam evidentes necessidades e entraves da realidade e até, pontos obscuros da própria investigação. Nestes casos, novas etapas de levantamento de informações podem ser programadas.

▶ **Levantamento de propostas:** a partir da construção de um diagrama de fluxo voltado para análise da realidade, o próprio desenho final pode ser útil para priorizar problemas e levantar propostas. Nestes casos, recomenda-se utilizar tarjetas de cor diferente para identificar as propostas.

▶ **Análises gerais ou específicas:** em função dos objetivos, pode-se, por exemplo, analisar a queda da produção como um todo ou a queda de produção de um determinado cultivo.

▶ **Visão quantitativa** de algumas informações: noção de intensidade e obtenção de dados quantitativos de alguns aspectos analisados, especialmente no diagrama de fluxo de caminhos.



▶ **Associação com Calendário Sazonal:** após a aplicação da técnica do calendário com o grupo, pode-se propor uma reflexão sobre o que entra e o que sai daquela realidade, construindo então, com foco no desenho do calendário, um diagrama de fluxo de caminhos.



## Variações

▶ **E**xiste uma outra ferramenta semelhante a esta, conhecida como árvore de objetivos que inclui o fator tempo e é muito utilizada para discutir desdobramentos. É como se fosse um fluxo, apenas de conseqüências, virado de cabeça para baixo. Neste caso, a primeira tarjeta com o aspecto a ser analisado é colocado na base (como se fosse a raiz) e os desdobramentos vão sendo alocados, progressivamente, acima dela, formando o que seria o tronco, os galhos, as folhas e os frutos.

▶ **F**luxos muito complexos podem ser construídos por partes e depois agregados, ou podem ser construídos de forma genérica e depois, divididos em sub-fluxos, para aprofundamento.

▶ **U**ma matriz de relações lógicas pode ajudar na construção de diagramas de fluxo de causa-conseqüência. Trata-se de uma tabela onde os principais problemas são relacionados, tanto no eixo horizontal quanto no vertical, na mesma seqüência. No corpo da matriz serão marcadas as interseções nas quais existe interdependência entre os problemas. A leitura precisa ser feita sempre no mesmo sentido. Por exemplo, do eixo horizontal sobre o vertical, por meio de perguntas do tipo: para resolver tal problema, precisamos resolver quais dos outros problemas? Posteriormente, os problemas podem ser transformados em tarjetas e as interseções, em setas ligando os problemas em interação, na lógica da causa-conseqüência.

▶ **N**o fluxo de caminhos, pode-se usar no lugar de tarjetas, qualquer material que represente os componentes do fluxo.



# Problemas mais comuns

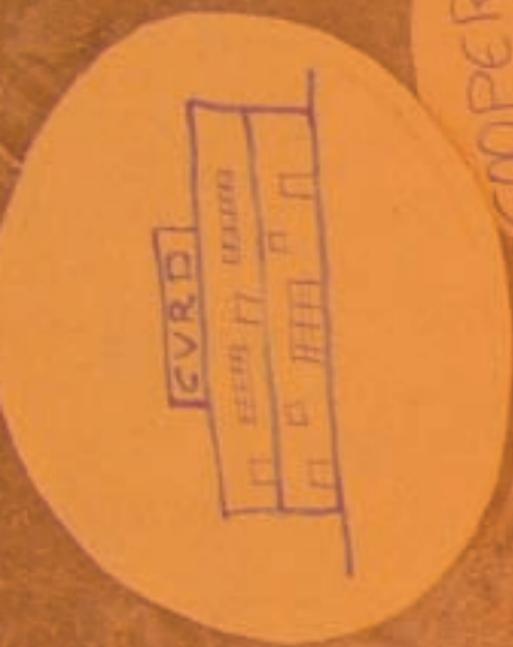
Ocorrem principalmente quando o diagrama de fluxo é utilizado para análises.

São eles:

- ▶ Dificuldades na **interpretação do que é causa e do que é consequência**. Sendo estes conceitos realmente relativos, procura-se caso a caso buscar a compreensão a partir da própria discussão. Porém, às vezes, pode acontecer de um fato ser tanto causa quanto consequência de um mesmo problema. Neste caso, deve ser representado por 2 tarjetas diferentes.
- ▶ Como o exercício de análise envolve uma boa dose de abstração, geralmente consome bastante energia e **pode ser cansativo** para o grupo, causando dispersão. Nestes casos, pode-se buscar retomar a atenção dos participantes, fazendo uma leitura do que está sendo construído até o momento, do tipo: "vocês estão dizendo que tal fato leva a tal fato que leva a outro etc. - é isso mesmo?"
- ▶ Pode ser que a discussão comece pelas consequências. A princípio isso não é um problema, desde que não cause **dispersão do grupo**.









# Diagrama de Venn

## Características marcantes

- ▶ Possibilita a identificação de grupos e suas inter-relações
- ▶ Auxilia na obtenção de informações exploratórias
- ▶ Permite obter uma visão geral das relações entre organizações e grupos sociais

# Diagrama de Venn



# Descrição

**T**rata-se de um diagrama de círculos de diferentes tamanhos, dispostos de forma a representar as relações existentes entre eles. Esta é uma ferramenta originária da matemática de conjuntos e que foi adaptada para representar as relações entre os diferentes grupos de uma sociedade.



Cada círculo irá representar, com palavras e/ou desenhos, um grupo (formal ou informal) da sociedade em questão (exemplo: um município, um bairro, uma região, uma universidade, um país etc.).

O tamanho do círculo representará o poder do referido grupo, ou seja, sua capacidade efetiva de atingir seus objetivos. Quanto maior o poder, maior o tamanho do círculo.

A distância entre os círculos representará a relação entre os referidos grupos. Se estes são parceiros, colaboradores, estarão próximos, podendo até se sobrepor um ao outro, parcial ou integralmente.

Se os grupos possuem objetivos, concepções e/ou práticas diferentes, contrastantes ou antagônicas, isso estará representado pela menor ou maior distância entre eles.

Os círculos são dispostos no chão e tiras de papel podem ser utilizadas para facilitar a visualização das inter-relações, quando o desenho começar a se complexificar.

*"...adaptada para representar as relações entre os diferentes grupos de uma sociedade."*

# O Processo de Construção

**T**endo sido escolhido um local bem agradável, descontraído e silencioso, reúne-se todo o grupo ao redor deste espaço. A moderação deve preparar previamente alguns círculos (recortadas em papel pardo ou cartolina), de 5 tamanhos diferentes.

*"O exercício exige grande nível de abstração e deve ser conduzido paulatinamente."*

É importante levar papel de sobra e tesouras para cortar novos círculos, inclusive de outros tamanhos, se necessário for. Pincéis atômicos são úteis para nomear e/ou desenhar os grupos.

Após apresentações, descontrações e explicações, coloca-se a pergunta que vai orientar todo o desenrolar da técnica: "quais são os grupos formais e informais que atuam nesta realidade?"

Para cada grupo, os participantes terão que definir um tamanho de círculo (dimensionar o poder daquele grupo) e posicionar o círculo em relação aos demais (definir inter-relações).

O exercício exige grande nível de abstração e deve ser conduzido paulatinamente.





Para o primeiro grupo a ser representado, os participantes terão como parâmetro, os 5 tamanhos apresentados pelo(a) moderador(a). Para os demais, os participantes também devem observar os tamanhos que estão sendo dados aos grupos já representados, a fim de estabelecer uma representação visual coerente com a análise.

O posicionamento do primeiro círculo no chão é aleatório, porém, a partir do segundo, propõe-se ao grupo que a distância entre eles re-presente a relação existente entre os respectivos grupos.

A cada grupo ou inter-relação, deve-se buscar o conhecimento dos participantes mediante perguntas-chave apresentadas no box abaixo.

Ao final, o grupo terá construído um desenho que reflete, sob sua leitura, as relações que sustentam aquela sociedade.

É interessante convidar o grupo a olhar de longe o desenho e refletir sobre o que se pode observar.

## Perguntas-Chave



- ▶ **O que fazem estes grupos?**
- ▶ **Como atuam?**
- ▶ **Quem participa deles?**
- ▶ **Desde quando?**
- ▶ **Por quê? etc.**



# Possibilidades

▶ **Evolução Histórica:** por meio da pergunta “sempre foi assim?”, pode-se captar informações sobre o passado e mudanças significativas na dinâmica social.



▶ **Identificação de cenários futuros:** com a pergunta “como estará este desenho daqui a ‘X’ anos?”, pode-se perceber tendências; e por meio da pergunta “como queremos que este desenho esteja daqui a ‘X’ anos?”, pode-se identificar sonhos e projetos, individuais e coletivos. São reflexões mais apropriadas para o final da técnica.

▶ **Identificação de possíveis estratégias de ação:** a partir da identificação de sonhos e projetos coletivos, pode-se refletir sobre novas estratégias de ação. Perguntar sobre os objetivos comuns de cada agrupamento de parceiros e a possibilidade de alcançá-los com aquela determinada correlação de forças, pode enriquecer a discussão.



▶ **Identificação de novos aliados:** pessoas ou grupos que podem estabelecer futuras parcerias.

▶ **Identificação de problemas de comunicação entre grupos:** dificuldades nas relações entre grupos pela falta de um fluxo eficiente de informação e de diálogo.



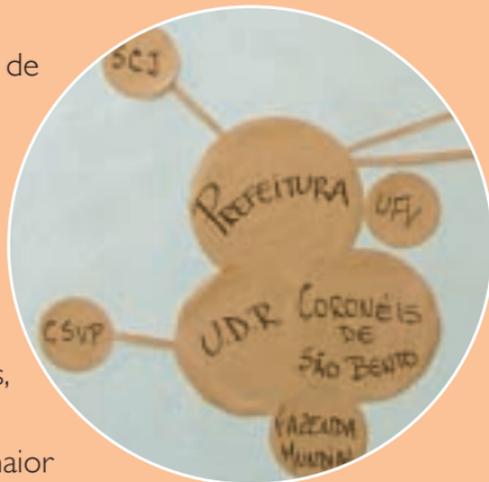


## Variações

▶ **P**ode-se fazer inicialmente, uma listagem de todos os grupos mencionados, para depois propor aos participantes que escolham um para iniciar o exercício, e assim, sucessivamente. Se, por um lado, isso garante que pelo menos identifique-se o nome de um grande número de grupos existentes, por outro, pode levar os participantes a uma certa dispersão (pois retarda o início da técnica) e provocar um desgaste desnecessário em torno da escolha da ordem em que serão representados no diagrama – fato irrelevante para o desenrolar da técnica.

▶ **O** nível de detalhamento também é variável. Pode-se analisar uma realidade de forma muito ou pouco exhaustiva. Isso vai depender, fundamentalmente, dos objetivos e do tempo disponível. Como se trata de um exercício que exige grande nível de abstração, é importante ter cuidado para não causar cansaço aos participantes.

▶ **A** variação mais significativa refere-se a uma outra forma de condução da técnica e, conseqüentemente, ao seu resultado final. Nesta forma de uso, um grupo, um projeto ou uma idéia é posicionado(a), desde o início, no centro do espaço disponível. Os círculos, também representando grupos formais ou informais, irão sendo localizados no espaço, de acordo com a maior



ou menor proximidade em relação a este elemento central. O tamanho de cada do círculo será definido com base na importância que aquele determinado grupo tem para o elemento central. Por exemplo, a importância que a Igreja tem para um dado projeto em uma localidade. Neste caso, a leitura final também estará relacionada prioritariamente ao elemento central.

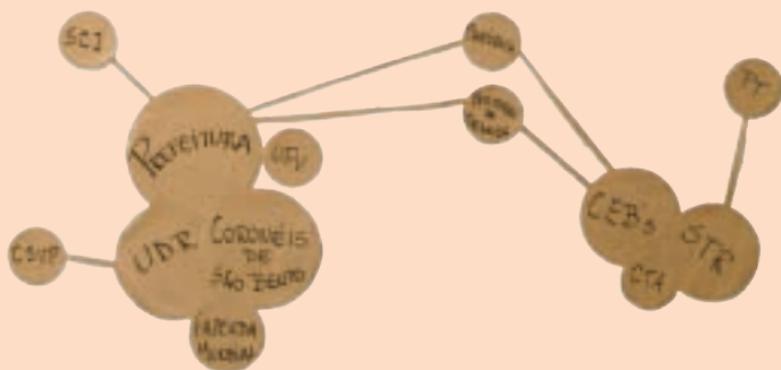
**Obs.: Esta é uma ferramenta com um potencial bem interessante, porém, é complexa e exige da moderação, bom domínio dos procedimentos de execução.**





## Problemas mais comuns

- ▶ Dificuldade de **entendimento do que são grupos, formais ou informais**. É importante não dar exemplos relativos àquela realidade, para não interferir no processo.
- ▶ Dificuldade de **entendimento do que é poder**. O conceito é realmente complexo, mas procura-se simplificar, relacionando-o com a facilidade de se conseguir o que se quer, sejam esses objetivos valorizados ou não, pelos participantes da técnica. É importante lembrar que nem sempre o poder significa realização; às vezes, ele se exerce justamente pelo impedimento de que algo aconteça. Por exemplo, uma administração pública municipal tem poder tanto de realizar, quanto de manter o município numa situação de estagnação.
- ▶ Equivocadamente, associar o **tamanho do círculo ao número de componentes** do grupo (exemplo: número de associados, número de funcionários etc.), e não ao seu poder. Isso precisa ser corrigido logo de início, quando ocorrer.
- ▶ O fato de existirem pessoas que, ao mesmo tempo, fazem parte de dois ou mais grupos **não representa que estes grupos sejam parceiros**. É preciso olhar o grupo como um todo, enquanto um ator social, analisar quais são os seus objetivos e ações, a existência ou não de parcerias e o seu grau.



ESTADO

LAJON

QUANTIDADE



# Matriz Comparativa

## Características marcantes

- ▶ Permite estabelecer relações de comparação
- ▶ Possibilita identificar critérios de avaliação
- ▶ Possibilita o detalhamento de informações
- ▶ Pode ser utilizada para avaliar potencialidades

# Matriz Comparativa



# Descrição

**T**rata-se de uma tabela na qual, em um dos eixos, estão os elementos a serem comparados e, no outro, os critérios de comparação/avaliação.

Geralmente, é riscada no chão onde elementos simbólicos quantitativos (pedras, riscos, sementes, ou mesmo números arábicos) vão sendo colocados. Os símbolos quantitativos serão utilizados para atribuir “pontos” a cada um dos elementos, sob cada um dos critérios de avaliação, separadamente.

Conforme o nome sugere, é ferramenta privilegiada para comparações, permitindo também algumas quantificações.

*“...é ferramenta privilegiada para comparações, permitindo também algumas quantificações...”*

Além disso, é uma forma de explicitar critérios individuais de avaliação e, pelo processo de discussão, definir os critérios mais relevantes para o grupo.



# O Processo de Construção

**A** técnica da matriz comparativa pode ser bem conduzida praticamente em qualquer lugar, ao ar livre ou em ambientes fechados.

O primeiro passo é a construção dos eixos da matriz. Após riscar os dois eixos, coloca-se, na horizontal, os elementos que serão comparados (exemplo: variedades de milho, espécies de plantas, atividades econômicas, bairros, formas de captação de água etc.).

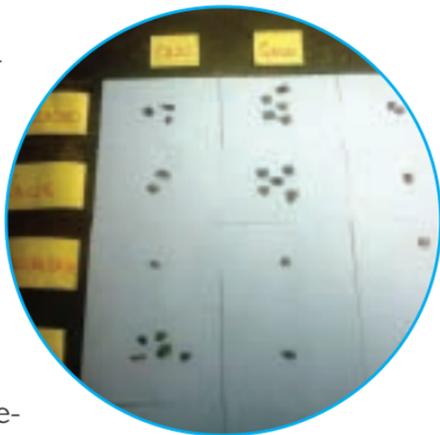
O eixo vertical, de critérios, é construído a partir de perguntas que procuram identificar as características de um “tipo ideal”. Por exemplo: “o que uma variedade de milho deve ter para ser considerada uma boa variedade?”.

As respostas devem ser bem discutidas para que expressem a opinião do conjunto. Elas passarão a ser a base para as comparações que se seguirão.

Construídos os eixos da matriz, parte-se para o seu preenchimento, ou seja, para a pontuação que é feita da seguinte forma: para cada linha, ou seja,

para cada um dos critérios, coloca-se inicialmente a pergunta: “para este determinado critério, qual é o melhor elemento?”. “Quanto pontos deve receber?”.

Geralmente, emprega-se uma escala de zero a



*“As respostas devem ser bem discutidas para que expressem a opinião do conjunto.”*

cinco, representada por pedras ou outros símbolos que tenham mobilidade para serem facilmente alterados, caso a discussão leve a isso.

Feita a primeira pontuação, sempre negociada com o grupo, parte-se para a segunda por meio da pergunta: “ainda para este mesmo critério, qual é o pior elemento?”. “Quantos pontos deve receber?” (tendo em vista a pontuação anteriormente dada ao melhor elemento).

Prossegue-se o preenchimento da linha, ou seja, a análise comparativa sob o ponto de vista do primeiro critério, atribuindo-se pontos aos demais elementos em comparação e sempre fazendo referência às pontuações já dadas, visando manter parâmetros coerentes de comparação.

Lembre-se de explorar as características de cada um dos elementos, para além da simples pontuação.

Ao final, é possível somar os pontos atribuídos a cada elemento para se ter um indicativo do potencial de cada um. Entretanto, para que esta avaliação seja correta, será necessário propor ao grupo, atribuir pesos a cada um dos critérios. Para simplificar, podem ser estabelecidos pesos de 1 a 3 e que depois deverão ser multiplicados pelas pontuações atribuídas a cada elemento, sob aquele determinado critério, antes da soma final.



# Possibilidades



► **Matriz Histórica:** É uma matriz onde, no eixo horizontal, estão períodos históricos e na vertical, aspectos da realidade que se deseja analisar. Empregada desta forma, a ferramenta permite analisar a evolução histórica de determinados aspectos (exemplo: cobertura vegetal, relações de trabalho, violência, qualidade de vida, número de pessoas etc.).

Os marcos históricos significativos podem ser identificados durante a realização de uma outra técnica, como a do Mapa Falado ou do Diagrama de Venn, por ocasião da pergunta: “sempre foi assim?”.

O eixo vertical, com os diversos aspectos da realidade, não se constrói através da identificação de um “tipo ideal”, mas são apontados pelo grupo e/ou pesquisadores.

Na Matriz Histórica, o preenchimento das interseções da tabela pode ser uma pontuação ou uma síntese das informações que caracterizam aquele determinado aspecto, naquela determinada época.

Para permitir pontuações, os aspectos teriam que ser decompostos em parâmetros quantitativos. Por exemplo, um aspecto como “relações de trabalho” precisaria ser decomposto em “presença de assalariados”, “presença de parceiros” e outros. Isto porque não seria possível perguntar “em que época tinha mais ou menos relações de trabalho, e sim “assalariados, parceiros etc.”.



### ▶ **Sistematização / ordenamento de**

**informações:** de forma clássica e também aqui, a matriz pode ser utilizada para sistematizar as informações coletadas. Para síntese das informações, pode-se facilmente imaginar uma matriz onde, em um eixo, estejam as comunidades rurais ou os bairros da cidade, e no outro, os pontos do roteiro de sistematização.



### ▶ **Definição de prioridades para a ação:**

situações onde os elementos para comparação são possíveis ações de projetos, organizações, entre outras. Nestes casos, os critérios de importância são definidos pelo próprio grupo, na mesma lógica de construção de um tipo ideal - no caso, uma ação "ideal" (aquela que tenha, por exemplo alcance, parceiros, suporte técnico, viabilidade técnica, retorno rápido etc.).



### ▶ **Visão quantitativa de**

**algumas informações:** noção de intensidade e obtenção de dados quantitativos de alguns aspectos analisados.





# Variações

▶ **U**ma variação da matriz histórica é uma ferramenta conhecida por “Linha do Tempo”. No caso, a ordem cronológica tem preponderância na discussão e a principal pergunta norteadora é: “quais são os fatos marcantes desta realidade?”. Conforme são lembrados, os fatos são representados e localizados em uma reta traçada no sentido horizontal. Trata-se, então, de caracterizar cada evento, construindo assim uma visualização da história daquela determinada sociedade, instituição, projeto etc.



▶ **E**mbora ainda não utilizado por nós, pode-se imaginar uma situação em que os critérios valorizados sejam os negativos, provocando um procedimento inverso. Como em uma matriz de problemas, por exemplo, na qual o que se deseja identificar sejam os piores problemas, permitindo uma reflexão sobre ameaças e riscos.

	Jan	Fev	Mar	Abr
Evento 1				
Evento 2				
Evento 3				
Evento 4				



# Problemas mais comuns

- ▶ Por ocasião da atribuição de pesos aos critérios, pode acontecer uma certa **dispersão por dificuldade de entendimento**. Terá que ser avaliado, caso a caso, a pertinência (e também a necessidade) de se fazer a soma dos pontos atribuídos.
- ▶ No levantamento do tipo “ideal”, podem surgir **“critérios negativos”**, que devem ser, de imediato, transformados em critérios “positivos”. Por exemplo, no caso de uma variedade de milho, o critério “não apresentar doenças” deve ser modificado para “resistência às doenças”, a fim de que a escala numérica crescente corresponda a um julgamento cada vez mais favorável .





SALVO AL PENSAR  
RESISTENCIA DO  
PROPRIO CORPO DO  
INDIVIDUAL DO  
MUNDO DO LUGAR  
DO INDIVIDUAL  
DO MUNDO

ACAO DA  
CIDADANIA

CONFIANCA

CONFIANCA

CONFIANCA



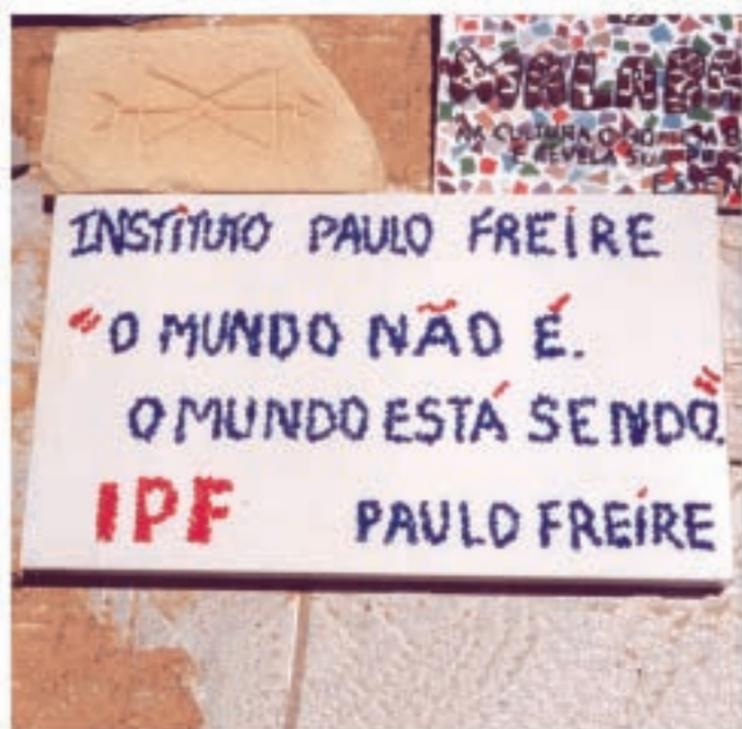
CONFIANCA

CONFIANCA

CONFIANCA



De volta  
ao começo



## De volta ao começo

Queremos, por fim, retomar as idéias iniciais que inspiraram este guia. Se o que se pretende é a promoção de diálogos que permitam trocas e construções coletivas, o desafio apresentado não é o de construir um mapa, um calendário, uma matriz ou um diagrama. Trata-se de um desafio pedagógico, ou seja, propiciar uma reflexão que leve a uma análise crítica da realidade e gere uma tomada de postura ativa diante desta mesma realidade.



Paulo Freire mais uma vez nos ajuda a compreender a complexidade e os detalhes deste desafio. Ele parte da constatação de que o mero reconhecimento da realidade vivida não leva a uma inserção e não conduz a nenhuma transformação da realidade objetiva, caso não ocorra um processo de análise crítica da realidade. O grande diferencial encontra-se no grau de problematização que o indivíduo e o grupo vivenciam, pois é por meio da

*“Trata-se de um desafio pedagógico, ou seja, propiciar uma reflexão que leve a uma análise crítica da realidade...”*

problematização de uma realidade vivida que se torna possível imaginá-la diferente, construída, planejada. Torna-se possível, nas palavras de Freire (1987), desvendar o “inédito viável”, ou seja, aquilo que ainda não existe (é inédito), mas

que se torna possível (viável) inicialmente na imaginação do(s) indivíduo(s).

A problematização da realidade vivida traz a percepção das razões que tornam aquela situação, uma realidade. E, portanto, revela esta realidade como transitória, dependente da ação do(s) indivíduo(s). Esta “tomada de consciência” é o objetivo final e é ela que possibilita ao indivíduo inserir-se no processo histórico como sujeito, e o inscreve na busca de sua afirmação enquanto pessoa (FREIRE: 1987).

Metodologicamente falando, a problematização advém de um processo de tematização da realidade, compreendido como o esforço de propor aos indivíduos dimensões significativas de sua realidade, de tal forma que a reflexão e análise crítica lhes permitam reconhecer a interação entre as partes e o todo que compõe a realidade. Tematizar é, no pensamento de Paulo Freire (1987) e seus seguidores, um ato de admiração, um ato de “ad-mirar”, ou seja, “mirar de longe” a realidade vivida, abstrair, refletir, entender e imaginar diferente.



As ferramentas de diálogo aqui apresentadas têm forte potencial para permitir esta tematização. Sua natureza relativamente formal, ou seja, semi-estruturada possibilita a visualização das partes no todo e do todo decomposto em partes. Desta “decomposição”, emergem as relações e as interações que, se problematizadas e “ad-miradas”, tornam-se passíveis de transformação através da construção do sonho, do projeto, do “inédito viável” coletivo, muitas vezes, registrado em um plano de ação devidamente pactuado.



Uma pesquisa realizada sobre as potencialidades e limitações do uso do DRP em processos de Desenvolvimento Local revelou que as ferramentas utilizadas são “bons instrumentos de codificação e decodificação da realidade; apresentam grande potencial de ‘mediatizar’ o debate em torno de uma realidade, especialmente porque são construídas ao longo de um diálogo; permitem a visualização das partes no todo; exercem um papel importante na visualização das informações que estão sendo discutidas e problematizadas pelo grupo; são simples, de boa aceitação e favorecem a expressão das opiniões individuais. Porém, são também fortemente dependentes da habilidade, dos propósitos e dos valores éticos de quem as utiliza” (FARIA, 2000:81). É necessário, portanto, um bom conhecimento das técnicas e, principalmente, disposição e habilidade para a construção de diálogos francos e produtivos.

## Referências Bibliográficas

CHAMBERS, R. The origins and practice of participatory rural appraisal. *World Development*, v. 22, n. 7, p. 953-969, 1994.

CONWAY, G.R. Análise participativa para o desenvolvimento agrícola sustentável. Rio de Janeiro: AS-PTA, 1993.

FARIA, A. A. C. O uso do diagnóstico rural participativo em processos de desenvolvimento local: um estudo de caso. Viçosa: UFV, 2000. 111 p.

FREIRE, P. Extensão ou Comunicação? 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. 93 p.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 184 p.

FRUTA



LEITE

COOPER

Ministério do  
Meio Ambiente